

LUIS SEPÚLVEDA

HISTÓRIAS DAQUI E DALI

Tradução de Henrique Tavares e Castro

Um cão chamado *Edward*

Há uns meses dei com o meu filho León a rir enquanto ouvia qualquer coisa no iPod. Ria de uma maneira doce, terna, e assentia com movimentos da cabeça, não para acompanhar o ritmo do que ouvia mas para demonstrar que estava de acordo com o que lhe entrava na cabeça. Perguntei-lhe de que se tratava e a resposta dele surpreendeu-me: «É um *rap*, e conta uma história que parece escrita por ti.»

O *rap* não é música que me entusiasme particularmente, mas peguei nos auscultadores e ouvi um cantor de *rap* alemão que «rapeava» uma história que me encheu de entusiasmo e curiosidade. Era a história de um cão chamado *Edward*, e para contar o que se segue fiz uma investigação no bairro de Kreuzberg, em Berlim.

O cão *Edward* nasceu num canil da polícia alemã e estava destinado a ser um pastor alemão puro-sangue, mas, ao que parece, outro cão de não muito nobres antecedentes entrou na casota da mãe de *Edward*, e assim nasceu uma

ninhada de sete cachorros algo estranhos, na opinião do encarregado do canil.

Um deles era *Edward*, mas o seu primeiro nome foi outro, mais curto e seco: *Kim*. Na hora de demonstrar habilidades, o cachorro distinguiu-se pelo seu excelente faro, de tal modo que foi treinado para ser um cão farejador de droga, e, quando fez um ano, já desempenhava funções policiais no aeroporto de Berlim.

O cão farejava detidamente as malas, as caixas, os embrulhos, e era infalível a detectar pequenas cargas de cocaína, heroína, marijuana e outras drogas. Desempenhava a sua função de maneira impecável, mas os seus donos descobriram que toda a sua atenção detectora se concentrava nas malas de luxo, nas *Samsonite*, *Burton*, *Mandarina Duck* ou outras marcas de prestígio, e, pelo contrário, não se maçava a farejar as mochilas ou bagagens que evidenciavam a juventude ou a pobreza dos seus proprietários. Enquanto desempenhava a sua função, o cão ficava impassível aos comentários do género «que lindo cão», não olhava para os passageiros vestidos formalmente ou com elegância, mas abanava o rabo de maneira visivelmente amistosa quando se tratava de um *punk*, de um *hippie*, de um *rocker* ou de quem quer que fosse vestido de forma desastrosa. Esta espécie de perda da objectividade profissional levantou suspeitas, e, assim, certo dia, os polícias detiveram um *punk* que vinha de Amesterdão, tiraram-lhe a bagagem de mão, puseram-na

em frente do cão que a farejou sem entusiasmo, e, ao abri-la, descobriram um quarto de quilo de marijuana mexicana.

O cão, que ainda se chamava *Kim*, foi destituído, degradado e expulso da polícia alemã. Voltou para o canil desqualificado, não servindo nem para procriar, e acabou na lista de animais à procura de dono na Sociedade Protectora dos Animais.

Foi adoptado por um casal que vivia numa casa ajardinada nas cercanias de Wandsee, um lugar refinado, de construções patricias e *Porsches* da última geração estacionados diante de cada casa. O cão não gostou daquele ambiente burguês e fugiu.

Pouco tempo depois reapareceu em Kreuzberg, o bairro turco, o bairro dos *squatters*, dos *ocupas*, que vivem em casas velhas que sobreviveram à guerra e cobiçadas pelos especuladores imobiliários. Converteu-se na mascote de um grupo de *punks* que lhe puseram o nome de *Edward*, e aí, sim, começou a fazer gala dos seus formidáveis dotes olfactivos.

Entre os *punks*, Edward destacava-se pelo bom humor, é rigorosamente verdade que deixou que lhe pusessem um *piercing* na orelha esquerda, e que deambulava com os seus, em nenhum caso donos, mas camaradas, com umas madeixas pintadas de vermelho e um lenço zapatista ao pescoço.

Os *punks* reuniam-se num parque a beber cerveja barata, e aí faziam os seus cigarros de haxixe ou marijuana sob o

olhar atento de *Edward*, e quando o cão levantava a cabeça, farejava o ar e latia, era sinal inequívoco de que a polícia estava perto.

Edward sentia os bófias pelo faro. Um vendedor de fruta curdo de Kreuzberg contou-me que *Edward*, o cão *punk*, como lhe chamava, conseguiu frustrar várias tentativas de desalojamento graças ao seu olfacto. Em cima do telhado de uma das velhas casas ocupadas, farejava o ar de Berlim e avisava com muita antecedência da chegada da polícia.

Os cães das grandes cidades normalmente alimentam-se de rações, esses biscoitos duros feitos com restos de outros animais. *Edward*, por seu lado, vivia feliz engolindo giros de uma taberna grega, *dönnner kebab* de um restaurante turco, *tschebabchichib* de uma tenda croata, *schaschliks* hamburgueses ou tenras *wienerwurst* de um carnicheiro alemão. No Spank, um tugúrio frequentado por velhos músicos de *rock* e onde ainda havia discos de vinil, contaram-me que *Edward* adorava cerveja e era capaz de beber vários pratos da *pilsener* que lhe serviam, no seu canto preferido, sem nunca armar escândalo.

Um cliente do Spank acrescentou que *Edward* emprenhara várias cadelas e tinha uma quantidade de filhos no bairro. Mas todos falavam no passado, *Edward* fizera isto, fizera aquilo, e por isso comecei a perguntar onde estava o cão ou o que lhe tinha acontecido.

Nenhum deles, ninguém me soube dar uma resposta. Cheguei a falar com vários *punks* que me mostraram fotografias de *Edward*, mas também não me souberam dizer o que quer que fosse sobre o paradeiro do cão.

– Um dia, foi-se embora simplesmente, zás! Porque era um cão livre – disse-me uma *punk* com inconfundível sotaque berlinense.

E agora que estou a escrever estas linhas, ponho os auscultadores e estou de acordo com os versos centrais do *rap*: «Deus salve o cão *Edward*, guardião da nossa pequena liberdade.»